

Observatório racial de imagens da mídia brasileira: uma análise metodológica¹

Vanessa dos Santos RAMOS²

Márcia GUENA³

Céres SANTOS⁴

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este artigo apresenta os dados coletados pelo subprojeto Observatório Racial de Imagens da Mídia Brasileira, que analisa imagens que tratam da temática racial, publicadas por portais de notícias da mídia hegemônica - Folha de S. Paulo, G1 e UOL - referente ao mês de maio de 2023, quando houve um aumento significativo das matérias e imagens publicadas em função do caso de racismo que ocorreu com o jogador da seleção brasileira, Vinícius Júnior, em comparação com o trimestre anterior (fevereiro a abril). Utilizamos como base metodológica para a pesquisa, o conceito de enquadramento, proposto por Danilo Rothberg (2010) e o método de análise da imagem, por Martine Joly (1994).

PALAVRAS-CHAVE: observatório; racial; imagens; mídia hegemônica.

INTRODUÇÃO

O Observatório Racial de Imagens da Mídia Brasileira é fruto do projeto de Iniciação Científica (IC) Observatório Racial da Mídia, vinculado ao curso de Jornalismo em Multimeios, do Departamento de Ciências Humanas da UNEB (DCH III), apoiado pelo programa Afirmativa da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas (PROAF/UNEB). Esse subprojeto tem como objetivo geral acompanhar diariamente a cobertura jornalística produzida em imagens pela mídia hegemônica sobre temas relacionados a questões raciais. Nosso propósito é coletar, quantificar e analisar fotografias que são veiculadas por jornais de circulação nacional com essa temática racial. Além de gerar periodicamente estudos comparativos do que é realizado pela mídia hegemônica, produzir e divulgar relatórios com dados e análises dessas imagens.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ01 – Jornalismo do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Jornalismo em Multimeios do Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: vanessaramoscorporativo@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do curso de Jornalismo em Multimeios e do Programa em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA, vinculado ao Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: marciaguena@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do curso de Jornalismo em Multimeios e do Programa em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA, vinculado ao Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: ceressantos3@gmail.com.

Neste artigo, apresentamos, inicialmente uma discussão teórica sobre enquadramento e análise semiótica da imagem, a qual tem servido de base para a análise das imagens coletadas nos jornais. A discussão sobre enquadramento é bastante direcionada aos textos, mas percebemos uma possibilidade de leitura da imagem a partir dessa discussão, até mesmo pelo nome “enquadramento” que apresenta uma forte perspectiva imagética, além da seleção de elementos da realidade.

A TEORIA DO ENQUADRAMENTO

O enquadramento é formado através de práticas como seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e situações sociais.

Na prática jornalística, um enquadramento (framing) é construído através de procedimentos como seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e informações, de forma a compor perspectivas gerais através das quais os acontecimentos e situações do dia são dados a conhecer. Trata-se de uma ideia central que organiza a realidade dentro de determinados eixos de apreciação e entendimento, que envolvem inclusive o uso de expressões, estereótipos, sintagmas etc. (Rothberg, 2010, p. 54)

Além disso, o enquadramento pode ser caracterizado como pacotes interpretativos. Esses pacotes interpretativos podem ser capazes de construir significados com o passar do tempo, além de incorporar novos eventos, não podendo ser interpretados com posicionamentos contra ou a favor de medidas políticas. E através dessa ótica de estudo, é necessário utilizar a noção de priming, função em que as mídias preparam o campo das ideias, o que torna mais propício ao nascimento de determinada visão de certos fatos e processos políticos. E por causa dessa função, de priming, que “a mídia sugere determinadas balizas para a avaliação de políticos e candidatos em relação a certos assuntos ligados à gestão pública” (Rothberg, 2010, p. 55)

O enquadramento pode ser classificado como de jogo, estratégico e episódico (ROTHBERG, 2010). Eles fazem parte da variação do enquadramento de conflito. Nesse caso, a ênfase das matérias é sobre o potencial de disputa dos movimentos políticos. Tendo suas principais nuances negligenciadas como políticas públicas, antecedentes, critérios etc. E seu enfoque jornalístico se dá “sobre as consequências dos

supostos choques entre opções diferentes para a dinâmica do poder dentro dos partidos, do parlamento e para a ascensão ou declínio do próprio político, aliados e adversários” (2010, p. 57) Já os enquadramentos temáticos, que também é uma variação da definição de enquadramento, é entendida por Rothberg (2010) como um meio de superar a fragmentação ocasionada no enquadramento de conflito.

Os enquadramentos temáticos são vistos pelos estudiosos da área como um meio de superar a fragmentação e a superficialidade promovidas pelos enquadramentos de jogo, estratégico, episódico e de conflito. Os temas em questão são os aspectos concretos das políticas públicas envolvidas nas escolhas eleitorais, ações e decisões de mandatários, conferências nacionais e internacionais, votações parlamentares, arranjos partidários, implementação de novas medidas legais etc. (Rothberg, 2010, p. 57).

Por fim, o enquadramento temático “envolve pluralismo e equilíbrio”, elementos essenciais para a superação da fragmentação, superficialidade e tendência ao entretenimento que fazem parte do enquadramento de conflito (ROTHBERG, 2010, p. 58). O pluralismo no enquadramento é importante, pois envolve um tratamento compreensivo de causas e diversidade de ações que influenciam a definição de políticas públicas. Pois, fatos complexos devem ser noticiados de maneira abrangente, verificando de maneira completa todas as suas nuances. O equilíbrio também é preciso fazer parte da pluralidade, no qual deve ser empregado em processos com duplo desafio, pois é preciso identificar e planejar como cada uma das perspectivas detectadas podem ser colocadas, em um tratamento sério, consistente e ponderado (2010).

TEORIAS DA IMAGEM DE ACORDO COM MARTINE JOLY

Para analisar as imagens utilizamos como metodologia o modelo proposto por Martine Joly (1994), considerando seus aspectos icônicos, linguísticos e plásticos. O conceito de imagem, de acordo com Joly (1994), é algo difícil de definir pois ela pode ser subjetiva, podendo ser concreta ou imaginária, assumindo características visuais, e que, apesar de possuir uma diversidade de significados, a imagem é possível de ser compreendida.

Compreendemos que ela designa algo que, embora não remetendo sempre para o visível, toma de empréstimo alguns traços ao visual e, em todo o caso, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém, que a produz ou a reconhece. (JOLY, 1994, p. 13).

De acordo com Joly (1994), a imagem não é somente aquilo que vemos na fotografia e televisão, mas todos os aspectos presentes da história das sociedades, que está presente desde a linguagem à sombra, da arte às religiões, tudo é imagem (JOLY, 1994, p. 18).

Partindo para a análise da imagem, Joly (1994) utiliza como base metodológica o estudo da semiótica proposta por Charles Sanders Peirce, que nada mais é que a teoria geral dos signos. Sua abordagem analítica parte da premissa de analisar a imagem “sob o ponto de vista da significação e não da emoção e do prazer estético” (JOLY, 1994, p. 30). No entanto, Joly (1994) diz que a forma de interpretar determinado signo também é influenciado por fatores culturais, assim como também o próprio signo é apresentado ao interpretante:

Para Peirce, um signo é algo que significa outra coisa para alguém, devido a uma qualquer relação ou a qualquer título. (...) Vemos portanto que tudo pode ser signo a partir do momento em que daí se deduza uma significação que depende da minha cultura, assim como do contexto da aparição do signo. Um objeto real não é um signo daquilo que é, mas pode ser o signo de algo diferente.. Pode constituir um ato de comunicação a partir do momento em que me é intencionalmente destinado (uma saudação, uma carta) ou fornecer-me informações simplesmente porque aprendi a decifrá-lo (uma postura, um tipo de vestuário, um céu cinzento) (JOLY, 1994, p. 35).

De acordo com Joly (1994), utilizando a teoria semiótica como base metodológica para o estudo da imagem, a forma de analisar e a própria construção da imagem não é fundamentada em determinações absolutas, pois são influenciados por questões culturais, bem como o contexto que está inserido o signo e o interpretante.

Sob a perspectiva da semiótica proposta por Peirce, ele propõe distinguir três grandes tipos de signos, que são: o ícone, índice e símbolo. O ícone são signos que seu significante mantém uma relação de analogia com aquilo que ele representa, como por exemplo, o desenho de uma árvore, ela é um ícone que se assemelha a uma árvore de verdade. Já o índice é a classe dos signos que possui uma relação de causalidade com aquilo que os representam, como por exemplo, uma fotografia de uma pegada na areia, que pode indicar que alguém passou por aquele local, ou como uma nuvem escura, que pode indicar uma possível chuva. E por último, o símbolo, que mantém com o seu referente uma relação de representatividade, como por exemplo, a pomba para a paz, a bandeira dos países, etc.

Apesar de utilizar como base para o estudo das imagens a teoria semiótica de Peirce, Joly (1994) possui seu próprio método de análise, que tem como eixos principais os signos plásticos, que é basicamente a composição física da imagem, considerando suas formas, cores e texturas, os signos icônicos, que contempla os aspectos sensitivos que aquela imagem passa para o interpretante, como por exemplo, se a imagem passa uma mensagem de opressão, submissão, alegria etc. E por fim, os signos linguísticos presentes na imagem, como o título da obra, se for uma pintura, a legenda de uma foto, ou elementos textuais (JOLY, 1994, p. 71).

MATÉRIAS COLETADAS DA MÍDIA HEGEMÔNICA NO MÊS DE MAIO

Os portais da mídia hegemônica escolhidos para a análise de imagens foram *Folha de S. Paulo*, *GI* e *UOL*. A coleta abrangeu o mês de maio de 2023 e foi realizada através de tabelas no Excel, divididas por mês e separadas por jornal. Além disso, foi realizado também um comparativo com os dados coletados do trimestre anterior, que contempla os meses de fevereiro, março e abril. Para isso, utilizamos a plataforma *Google Docs* como banco de dados para abrigar as principais imagens de cada notícia, divididas por dia de acordo com cada portal.

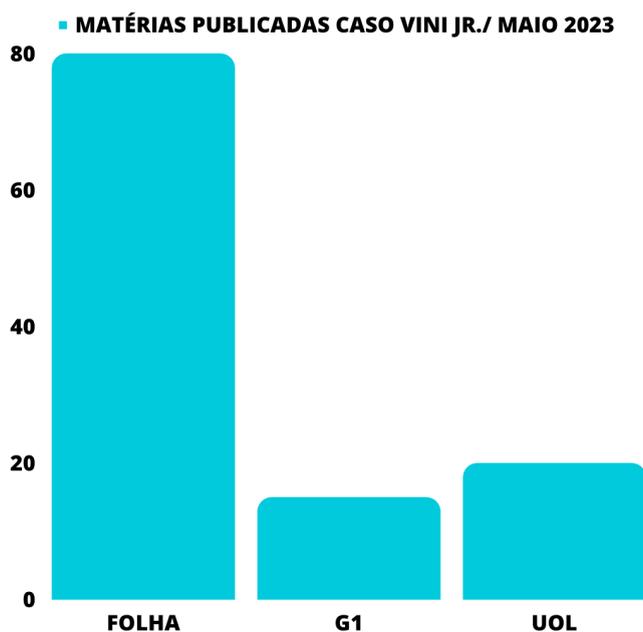
Para a busca de notícias com temáticas raciais nesses portais utilizamos as seguintes palavras-chave: *racismo, raça, negros, negras e injúria racial*, as quais foram aplicadas na ferramenta de busca de cada um dos portais pesquisados. Criamos uma tabela mensal para cada jornal, contendo os itens que seguem listados: Título, subtítulo, palavra-chave, autor, fotógrafo ou agência, link, editoria, tamanho da imagem, número de fontes ouvidas ou retratadas, se há fontes credenciadas sobre o tema mostradas nas imagens, se há pluralidade de fontes e imagens, quais suas causas e efeitos, e se há preconceito e presença de estereótipos, além disso, identificamos também o tipo de análise utilizada na imagem. A tabela tem como objetivo tipificar as características básicas da imagem veiculada na matéria, com suas principais informações. Já os arquivos de imagens agrupam as principais fotografias de cada matéria, com link e descrição breve da composição da imagem no contexto jornalístico.

A percepção inicial das imagens analisadas nos três portais é que cada jornal possui a sua personalidade. A Folha, por exemplo, veicula um número maior de imagens que o G1 e o UOL, que divulgam apenas uma ou nenhuma imagem em suas matérias. Em algumas notícias da mesma temática tem mais imagens, outras menos, característica observada na Folha.

O mês de maio foi marcado pelo caso de racismo sofrido pelo jogador de futebol Vinícius Júnior, no dia 21 de maio, que teve bastante repercussão nacional e internacional. Na ocasião o jogador estava em campo pelo seu time Real Madrid, que jogava contra o Valencia, a partida aconteceu no estádio Mestalla, na Espanha. O jogador foi alvo de ofensas racistas por parte da torcida do time rival, gritos como “macaco” direcionados a Vinícius Júnior foram ouvidos desde o início da disputa. O jogador respondeu às ofensas e foi até o árbitro Ricardo de Burgos, que paralisou a partida por oito minutos, no entanto, nada foi feito em relação aos gritos e a partida prosseguiu. Porém, nos acréscimos do segundo tempo da partida, o jogador se envolve em uma discussão com o time rival, sofre um mata-leão (técnica de enforcamento utilizadas nas artes marciais japonesas) do atacante do Valencia, Hugo Duro, e que ao reagir, atinge o goleiro adversário Mamardashvili e é expulso de campo.

Sobre o caso, os jornais analisados nesta pesquisa realizaram uma extensa cobertura sobre o ocorrido. A Folha de S. Paulo foi a que mais teve matérias publicadas sobre o caso de racismo com o jogador, com 80 publicações, a UOL, 20 matérias e G1,

seguida com 15 matérias. Como o tema do subprojeto é análise de imagens veiculadas pela mídia hegemônica, só foram consideradas matérias que eram acompanhadas de imagens.



Na Folha de S. Paulo no mês de maio foram identificadas 220 matérias através das palavras chaves selecionadas, com 455 imagens, um número maior que a média mensal do trimestre anterior, que veiculou 1343 nos últimos 3 meses. A maioria das fotografias foi produzida pelas agências FolhaPress e Agence France Presse (AFP), além de utilizar imagens de divulgação e reprodução disponibilizadas na internet. Quanto ao gênero e raça das fontes, foram identificadas nas imagens 30 mulheres, 19 negras e 11 brancas; e 80 homens, sendo 42 negros e 38 brancos. A Folha, tem como característica a utilização de sequências de imagens localizadas logo abaixo da imagem principal para a contextualização do tema da matéria. Foi identificado na maioria das imagens, a presença de estereótipos em sua composição, como por exemplo, no caso de racismo do jogador Vinícius Júnior no dia 22 de maio. Apesar do jornal fazer uma extensa cobertura sobre o tema, utilizou excessivamente as mesmas fotos do jogador e nas sequências de imagens. As fotografias mostravam “Vini Jr” irritado, discutindo com os jogadores e torcedores do time rival. Além disso, apesar da extensa cobertura, as imagens quase sempre utilizadas eram as mesmas, reforçando o estereótipo, dando

nenhum enfoque para as imagens dos torcedores que emitem gestos racistas para o jogador. Utilizando os métodos de análise de Joly (1994) na cobertura do caso de racismo de Vinícius Júnior, analisamos os elementos icônicos, plásticos e linguísticos das imagens das matérias. A linguagem plástica presente nas fotos é formada pela composição, formas e textura, a mensagem plástica é com Vini Jr. em campo, com a expressão irritada, bem próximo dos outros jogadores e apontando para o árbitro da partida.

O tipo de enquadramento utilizado pelas imagens do jornal, através do critérios de Rothberg é o enquadramento episódico, o qual prefere retratar determinados fatos como ações isoladas, focando apenas no episódio em si, e não considerando seu contexto social. Já utilizando os métodos de análise de Joly (1994), que usa os critérios plásticos, icônicos e linguísticos da imagem, em relação à cobertura do Vini Jr.

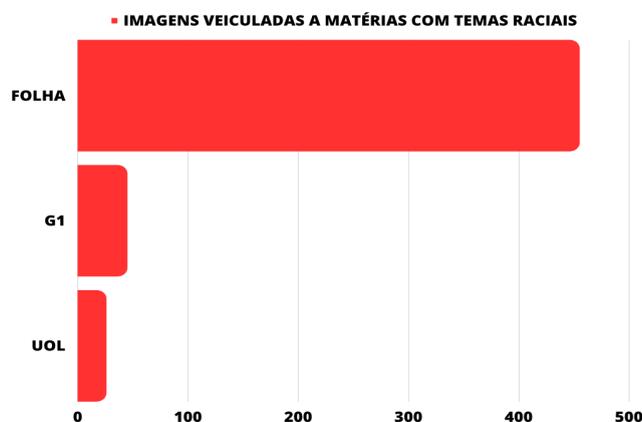
Já no UOL, foram coletadas no mês de maio 26 matérias com temática racial composta por imagens, em comparação ao trimestre anterior foram 90 matérias, sendo delas 19 em fevereiro, 31 em março e 40 em abril. Dentre essas matérias do mês de maio, 20 foram sobre o caso de racismo sofrido pelo jogador Vinícius Júnior durante a partida pela La Liga na Espanha. Essa cobertura teve início a partir do 21 de maio, e todas as 20 matérias foram de editoria de Esporte. As agências de imagens durante essa cobertura e outras matérias de temática racial foram a Quality Sport, Getty Images, AFP e a própria UOL.

Esse portal, diferente da Folha, veicula somente uma imagem por matéria, que vem logo acima do subtítulo. As fontes retratadas nas imagens, por conta da cobertura do caso Vinícius Júnior, foram apenas três durante todo o mês: Vinícius Júnior, Javier Tebas, o presidente da La Liga, e Emerson Machado, apresentador da Record acusado de racismo pelo Ministério Público Federal. As outras imagens veiculadas nas matérias restantes são imagens ilustrativas não composta por fontes humanas. No total foram 1 negro e 2 pessoas brancas. Outra diferença notada pelo UOL, é que o portal priorizou utilizar imagens de Vinícius com a expressão mais branda, sem ser no exato momento do ato racista dos torcedores do Valencia, mas sim do jogador em campo em atuação profissional. No entanto, o portal também utiliza como critério de enquadramento o episódico, ao focar apenas nos fatos ocorridos e não em aprofundamento social e

cultural do caso de racismo. Esse tipo de enquadramento é bem nítido de perceber na cobertura do caso de racismo de Vinícius Júnior. Os aspectos linguísticos estavam presentes nas legendas abaixo das fotos, os icônicos mostravam o jogador em campo, comemorando os gols realizados nas partidas, sua expressão é alegre e determinada. Os elementos plásticos são as cores, as texturas e as formas.

O portal G1 em maio foram veiculadas 37 matérias com temáticas raciais, sendo delas coletadas 45 imagens, tendo um aumento considerável em relação ao trimestre anterior, que foram ao todo 48 matérias nos meses de fevereiro, março e abril, veiculando ao todo 100 imagens relacionadas a essas matérias. A maioria das fotos eram de reprodução e divulgação de imagens da internet. Ao notar a falta de imagens tiradas por agências de fotografia, é possível perceber que o portal não tem como prioridade a utilização de imagens por essas agências, mas de fotografias que já estejam circulando pela internet. Dessas 37 matérias, apenas 15 foram da cobertura do caso Vinícius Júnior.

Ao todo foram retratadas nas imagens apenas 15 fontes, que foi o próprio jogador, e as demais fotografias não tem em sua composição pessoas, apenas locais e objetos meramente ilustrativos. As editorias do portal são divididas pela região e não por cadernos. A predominância do enquadramento assim como nos outros foi o episódico. A linguagem icônica das imagens é Vini Jr. bem de perto, com a expressão facial preocupada, em campo, durante o episódio de racismo. A linguística é formada pelas legendas abaixo da imagem, e a plástica é formada pelas cores, textura e composição da imagem.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados de maio nos permitem concluir que a cobertura do caso de racismo sofrido pelo jogador de futebol Vinícius Júnior teve um impacto significativo nos portais, que realizaram uma extensa cobertura sobre o episódio. Além disso, foi notado que esses jornais abriram espaços para novas discussões sobre racismo dentro e fora dos esportes. Em relação às imagens, foi notado a predominância do uso de fotografias com expressão de Vini Jr. geralmente irritado ou discutindo com a torcida e jogadores, priorizando imagens durante o conflito. Além disso, foi percebida a ausência de mais imagens sobre o contexto do ocorrido, como a torcida desferindo gestos racistas, e do jogador que agrediu Vini durante a partida.

Apesar do aumento considerável de matérias com temáticas raciais, os jornais precisam contextualizar de forma mais abrangente as imagens que são associadas a essas notícias.

REFERÊNCIAS

JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. Lisboa: Ed. 70, 1994.

FOLHA DE S. PAULO. Folha: um jornal a serviço do Brasil, c1921. Página inicial. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 02 de fev. de 2023.

G1. G1: o portal de notícias da Globo. c2000. Página Inicial. Disponível em: <<https://g1.globo.com/>>. Acesso em: 02 de fev. de 2023.

ROTHBERG, Danilo. **Jornalismo e informação para democracia: parâmetros para a crítica de mídia.** In: CRISTOFOLETTI, Rogério (Org). Vitrine e Vidraça: Crítica de mídia e qualidade no Jornalismo. Covilhã, UBI: LabCom Books, 2010.

UOL. UOL: seu universo online, c1996. Página inicial. Disponível em: <<https://www.uol.com.br>>. Acesso em: 02 de fev. de 2023.